

“Eliminar o pior é mais humano do que buscar o bem”: problemas de uma “práxis otimista” e esboço de emancipação “anti-otimista” a partir da Teoria Crítica tardia de Horkheimer

“Eliminating the worst is more human than seeking the good”: problems of an “optimistic praxis” and layout of an anti-optimistic emancipation based on Horkheimer’s late Critical Theory

Vilmar Debona¹

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

debonavilmar@gmail.com

Abstract: O artigo parte da acusação de Habermas de que Horkheimer teria sido improdutivo em sua fase tardia, fazendo as tarefas da Teoria Crítica dependerem da teologia e se tornando “um filósofo da história demasiado negativista, um crítico da razão demasiado radical”. Diante disso, procura delinear, em especial a partir de uma análise de *Notizen (Apontamentos)* como produção derradeira de Horkheimer que Habermas despreza por não ser sistemática, conteúdos do que proponho chamar de *elementos de emancipação anti-otimista*. O objetivo principal do estudo é, assim, mostrar em que consistem esses elementos, que não indicariam apenas práticas de solidariedade em sentido amplo e como conceito negativo – estendido, inclusive, à esfera de uma “política negativa” –, mas performariam tudo o que pode caber em uma práxis que, conforme lemos em um dos fragmentos de *Notizen*, não pretende “buscar o bem”, mas “eliminar o pior”. Para tanto, sugiro que é preciso considerar a controversa presença do par pessimismo-otimismo em Horkheimer, que nem sempre é empregado em sentido estritamente schopenhaueriano; e, em particular, como se pode compreender a recomendação do fundador da Escola de Frankfurt de um pessimismo teórico complementado por um otimismo prático ou por uma “práxis otimista”.

Keywords: Max Horkheimer; negação; pessimismo; práxis emancipatória; Teoria Crítica.

Resumo: The article starts from Habermas’s accusation that Horkheimer had been unproductive in his late phase, making the tasks of Critical Theory depend on theology and becoming “too negativistic a philosopher of history, too radical a critic of reason”. With this, it seeks to outline, especially based on an analysis of *Notizen (Notes)* as Horkheimer’s final production that Habermas despises for not being systematic, contents of what I propose to call *elements of anti-optimistic emancipation*. The main objective of the study is, therefore, to show what these elements consist of, which would not only indicate practices of solidarity in a broad sense and as a negative concept – extended, even, to the sphere of a “negative policy” –, but would perform everything that can fit into a praxis that, as we read in one of the fragments of *Notizen*, does not intend to “seek the good”, but “eliminate the worst”. To this end, I propose that it is necessary to consider the controversial presence of the pair pessimism-optimism in Horkheimer, which is not always used in a strictly Schopenhauerian sense; and, in particular, how one can understand the recommendation of the founder of the Frankfurt School of a theoretical pessimism complemented by a practical optimism or by an “optimistic praxis”.

Palavras-chave: Max Horkheimer; negation; pessimism; praxis; Critical Theory.

¹ Este trabalho recebeu apoio da CAPES por meio de bolsa CAPES/Print da UFSC (processo 88887.912532/2023-00) e do CNPq por meio de bolsa de Produtividade em Pesquisa/PQ-C (processo 311785/2025-5). O artigo expõe resultados parciais de uma pesquisa de pós-doutorado desenvolvida entre 2024 e 2025, em parte na Goethe-Universität Frankfurt, sob supervisão do Professor Christoph Menke, e em parte na Universidade de São Paulo, sob supervisão da Professora Olgária Matos.

Recebido em 1º de maio de 2025. Aceito em 11 de dezembro de 2025.

I

Jürgen Habermas, em um capítulo de livro de 1986 intitulado *Observações sobre o desenvolvimento da obra de Max Horkheimer*², acusou com termos fortes uma suposta falta de Horkheimer por não ter elaborado qualquer projeto novo de Teoria Crítica após seu retorno do exílio estadunidense. Acusa-o, também, de ter cedido a uma série de “desesperanças” desde que deixou a Alemanha devido ao avanço do nazismo. Não chega a usar o termo “pessimismo” para reprovar essa suposta “resignação”³ de seu ex-diretor no Instituto de Pesquisa Social, mas classifica-o como um adepto de Nietzsche e como alguém que se tornou “um filósofo da história *demasiado negativista*, um crítico da razão demasiado radical” (HABERMAS, 2007, p. 291, grifo meu). Para Habermas, a produtividade científica de Horkheimer a ser levada a sério, a “substância da sua obra”, estaria circunscrita às contribuições anteriores ao fim da Guerra, sendo a dos anos 1930 os artigos publicados na Revista do Instituto. Nos trabalhos em colaboração com Adorno entre 1941 e 1944, Habermas enxerga que “terminou por se completar a viragem para uma filosofia *negativista* da história” (idem, p. 275, grifo meu). Já a produção das décadas seguintes, em especial as *Notizen*, apontamentos do período entre 1949 e 1969, seriam meros registros diários desconexos, “crivados de contradições”, um “disparate” (idem, p. 276) que, diferente de Adorno, escancara a impossibilidade de qualquer dialética, nem mesmo de uma dialética negativa.

Como (não) fez também alguns anos antes, em sua obra magna *Teoria da ação comunicativa*, Habermas não reconhece que o progressivo afastamento de Horkheimer em relação a ideais originários da Teoria Crítica, sobretudo de teor marxista não-ortodoxo nos termos do programa de um materialismo interdisciplinar, se dá pari passu a uma cada vez mais significativa leitura crítica de Schopenhauer e do pessimismo schopenhaueriano, marcantes já na sua adolescência; e não apenas de Nietzsche, nem apenas do aceite do diagnóstico de Weber com uma radicalização da reificação lukácsiana (CHIARELLO, 2001, p. 193). Sabemos por depoimentos do próprio Horkheimer que foi Pollock quem lhe apresentou Schopenhauer durante viagens conjuntas para estudos quando muito jovens. Não deixa de ser significativo, aliás, que na biografia intelectual de ambos – e, portanto, na história do próprio Instituto de Pesquisa Social e dos inícios da Teoria Crítica frankfurtiana – Pollock não tenha sido apenas o economista que reiteradamente fornecia as bases de economia política para a renovação de diagnósticos das contradições do capitalismo aos teóricos do Círculo, em Frankfurt ou nos Estados Unidos, do “capitalismo monopolista” ao “capitalismo de Estado” ou “capitalismo administrado”. Foi o mesmo Pollock quem, num quarto de

² No original alemão, *Bemerkungen zur Entwicklungsgeschichte des Horkheimerschen Werkes*, publicado na coletânea organizada por A. Schmidt & N. Altwicker, *Max Horkheimer Heute: Werk und Wirkung*, Frankfurt a.M, Fischer Verlag, 1986, pp. 163-179, traduzido para o português por Maurício Chiarello na Revista *Educação e Filosofia*, Uberlândia, v. 21, n. 42, p. 273-293, jul./dez. 2007.

³ “O fato de Horkheimer recorrer à teologia efetivamente, e não apenas hipoteticamente, resulta da ameaça de ruína de seus próprios fundamentos, uma vez que não somente a filosofia da história perdeu sua base histórica, mas também se radicalizou a crítica total da razão – o Horkheimer tardio não quer, é certo, *resignar-se* a isto, mas não vê nenhuma outra saída” (HABERMAS, 2007, p. 290 grifo meu).

estudantes, jogou na cama de Horkheimer os *Aforismos para a sabedoria de vida* de Schopenhauer, dizendo: “Você pode se interessar por isso”⁴.

Como também sabemos, Habermas empreendeu o que, segundo ele, Horkheimer teria sido incapaz: elaborou um novo projeto emancipatório em torno da ideia de “ação comunicativa”, no qual a razão instrumental, frente a cujo poderio avassalador e intransponível Horkheimer supostamente ficara inerte, deixaria de ter a última palavra em desfavor da razão comunicativa. O déficit normativo do qual o ex-assistente de Adorno acusara amplamente a Escola de Frankfurt⁵ teria sido, dessa forma, superado, e os mais diversos ramos e novos representantes da Teoria Crítica surgiriam no bojo de fundamentações das amplas lutas contemporâneas por reconhecimento e direitos no âmbito das democracias.

Considerando esse contexto, o presente artigo não pretende adentrar nem na Teoria Crítica habermasiana propriamente dita nem na imensidão dos desdobramentos dela nas atualidades da Teoria Crítica. Apenas assume o referido texto de Habermas como fonte altamente didática para localizar o teor de acusações feitas de forma ampla e reiterada pela posteridade em detrimento de seu fundador Horkheimer, assim como em vista de ponderar, a partir de textos pouco debatidos da última fase de produção do autor de *Crítica da razão instrumental*, em que medida as referidas acusações não procedem inteiramente. Afinal, será mesmo que o Horkheimer tardio não teria elaborado absolutamente nenhuma tese ou hipótese, nem mesmo em forma de esboço, para o presente e para o futuro da Teoria Crítica? As páginas que seguem pretendem elucidar, então, quais seriam algumas das direções que Horkheimer teria indicado nesse período acusado de improdutivo para ulteriores desenvolvimentos da crítica. Em especial a partir de uma análise de fragmentos das *Notizen*, produção derradeira de Horkheimer que Habermas despreza como insignificante por não ser sistemática, será possível notar a ideia do que proponho chamar de *elementos de emancipação anti-otimista*. Esses elementos não indicariam apenas práticas de solidariedade em sentido amplo e como conceito negativo – estendido, inclusive, à esfera de uma “política negativa” –, mas performariam tudo o que pode caber em uma práxis que não pretende “buscar o bem”, mas “eliminar o pior” (HORKHEIMER, 2008, p. 261). Há, nesse contexto, conteúdos que extrapolam a defesa de uma *teologia* negativa no âmbito do “anseio pelo inteiramente Outro” (HORKHEIMER, 2024b), esse mote amplamente confundido por parte da recepção dos escritos tardios de Horkheimer – talvez por influência direta de Habermas? – como queda em mera religiosidade positiva e dogmática⁶.

⁴ Em uma de suas últimas entrevistas, em 1972, Horkheimer conversou com Gerhard Rein: “Eu estava com Pollock, e Pollock veio ao meu quarto numa noite e jogou um pequeno livreto na minha cama - acho que era um livreto da Reclam - com um texto de Schopenhauer, e disse: ‘Você pode se interessar por isso’. E ele tinha razão, eu fiquei tão interessado que li Schopenhauer intensamente. Então fui para Schopenhauer muito antes de terminar o ‘Ensino Médio’” (HORKHEIMER, 2024b, p. 452, trad. minha). Em abril de 1968, no Prefácio à reedição (com o título *Teoria Crítica: uma documentação*) de um conjunto de textos da década de 1930 publicados na *Zeitschrift für Sozialforschung*, Horkheimer já tinha registrado o seguinte: “O pessimismo metafísico, momento implícito em todo pensamento genuinamente materialista, me foi familiar desde sempre. À obra de Schopenhauer devo meu primeiro contato com a filosofia; a relação com a doutrina de Hegel e de Marx, o desejo de compreender e de mudar a realidade social não comprometeram, apesar do contraste político, minha experiência com a sua filosofia” (HORKHEIMER, 2015a, p. 4).

⁵ “Com a presente investigação [de *Teoria da ação comunicativa*], pretendo introduzir uma teoria da ação comunicativa que esclareça os fundamentos normativos de uma teoria crítica da sociedade. A teoria da ação comunicativa deve oferecer uma alternativa à filosofia a que esteve atada ainda a teoria crítica mais antiga e que se tornou insustentável” (HABERMAS, 2022, p. 592-593).

⁶ É possível afirmar que parte significativa da questão se deva à falsa ideia de que Horkheimer teria simplesmente arruinado a crítica social por ter se tornado um schopenhaueriano resignado, um “Schopenhauer cristão”, comprometendo o tipo de práxis que outrora fora uma das mais potentes atualizações de um materialismo marxista não ortodoxo. As “saídas desencantadas” que

Contudo, os elementos emancipatórios que se encontram latentes em artigos, fragmentos e entrevistas da última Teoria Crítica horkheimeriana podem se apresentar enevoados na letra do autor devido a especificidades de empregos nem sempre por inteiro consequentes do par pessimismo-otimismo, dado que “pessimismo” é comumente associado a “desesperança” pelo *common sense* ou pela própria Filosofia, nesse caso com a particularidade dos novos fracassos e impotências da razão daquele período histórico. Pois se é em sentido schopenhaueriano que os termos são empregados – sendo o schopenhauerianismo de Horkheimer antimetafísico, antiquietista (FAZIO, 2023b) e antifinalista (MATOS, 1989), que por isso mesmo teria de ser imune a qualquer otimismo –, como então poderia proceder a reivindicação feita pelo pensador, nesses mesmos textos da fase tardia, de um “otimismo prático” para a ação emancipatória? É seguro afirmar que a semântica original de “pessimismo”, lida de um modo específico por Horkheimer, é aquela encontrada na obra de Schopenhauer, considerado o primeiro sistematizador do *pessimismo filosófico moderno* (PLÜMACHER, 1884), crítica metafísica aos otimismo clássicos do “melhor dos mundos possíveis” que foi interpretada e dinamizada “hereticamente” pelo frankfurtiano como crítica social. Com efeito, já é mais do que consolidado o pressuposto de que vieram dessa tradição, que ombreia as tradições idealista e marxista como fontes da Escola de Frankfurt, as inspirações horkheimerianas para um pessimismo crítico e não-conformista⁷; ou, de outro modo, conforme elaborou Alfred Schmidt (1977), como fonte para o mal metafísico (Schopenhauer) na condição de complemento à fonte para o mal físico (Marx). Um tal pessimismo, no entanto, não teria de ser assegurado até o fim e em todas as esferas (na teórica e na prática), em vez de se transformar em uma “práxis otimista” comprometedora das premissas anteriores?

Para investigar essas questões, proponho deslocar o foco do Horkheimer tardio da conhecida e hipervalorizada entrevista sobre o “anseio pelo inteiramente Outro” para alguns escritos do mesmo período, em especial para as referidas *Notizen*, material extremamente rico em teses e críticas. Foi uma recomendação de Alfred Schmidt a de ser possível rebater a partir desse material as avaliações distorcidas de que, pelo fato de Horkheimer ter dedicado não pouco espaço à religião e à teologia em aspectos de seu pensamento tardio, a conclusão apressada seria a de que o fundador da Teoria Crítica teria traído a obra de toda a sua vida na religiosidade positiva: “[...] as *Notizen*, mais do que certas entrevistas do último Horkheimer”, podem ser indicadas como material que impede “os erros mais grosseiros de avaliação” (SCHMIDT, 1977, p. 115, trad. minha). Esse procedimento metodológico permitirá notar que o problema central se refere a pelo menos três facetas de uma mesma questão: ao conceito de “negativo” como definidor das tarefas

Horkheimer vislumbrou e procurou elaborar em relação aos horrores do nazifascismo e ao que se seguiu a tais horrores incluíam a busca por um (mundo) “inteiramente Outro” como forma de não aceitar que a última palavra fosse do horror, da opressão ou do “mundo administrado” – em suma, do existente. Essa busca, por poder incluir *momentos* de uma teologia *negativa*, permitiu, embora não de forma direta por Habermas, a acusação de uma suposta defesa de Horkheimer de uma mera religiosidade dogmática; e como supunha também a descrença em qualquer projeto emancipatório afirmativo e robusto de sociedade, atraiu a acusação fácil de um “Horkheimer pessimista”, sem preocupação com a definição de qual *pessimismo* se trataria. Com impacto pejorativo direto para a fortuna crítica desse pensador na posteridade, esse reducionismo concentrado em uma tese exposta por ele basicamente em uma entrevista (a do “anseio pelo inteiramente Outro”), é altamente prejudicial, pois impede ou dificulta a apreensão de muitas contribuições significativas que o pensador pode dispor, inclusive para os mais variados ramos e propostas que a própria Teoria Crítica elabora atualmente.

⁷ O presente artigo pressupõe a inegável influência direta e constante de Schopenhauer em Horkheimer, sem se ocupar com os termos específicos, os períodos e os diversos estatutos filosóficos dessa influência. Considero esse assunto, em parte porque reiterado pelo próprio fundador da Teoria Crítica, como relativamente bem consolidado pela literatura especializada. Para notar esse consenso, cf. SCHMIDT (1977), VEAUTHIER (1988) e FAZIO (2023b).

da Teoria Crítica, à relação do conceito de “negativo” com o emprego do termo “pessimismo”, e à problemática (re)definição de uma práxis como um “otimismo prático”.

II

No seu referido texto de 1986, Habermas poderia até ser compreendido como voz dissonante ao ainda se impressionar com as desesperanças de Horkheimer a partir da segunda metade da década de 1940 em relação a grandes feitos históricos para a emancipação humana. O conhecido problema da virada da Teoria Crítica dos anos 1940 em relação aos anos 1930 culminaria na aporia da *Dialética do Esclarecimento*, qual seja, a autodestruição do esclarecimento⁸, e na busca por saber “por que a humanidade, em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está se afundando em uma nova espécie de barbárie” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 9). Habermas enxerga o enfretamento da questão, notadamente por parte de Horkheimer e nem tanto por parte de Adorno, em termos de retirada das tarefas próprias da “teoria histórico-social” e de repasse das mesmas para uma crítica radical da razão que se apegava à denúncia de um parentesco íntimo entre razão e dominação. Isso teria consistido em esvair a “esperança numa tensão dialética intrínseca ao processo histórico” (HABERMAS, 2007, p. 280), bem como em abandonar as esperanças de que a razão instrumental, por ser apenas um produto derivado da época burguesa, seria superável numa formação pós-burguesa da sociedade, mediante uma “razão substancial normativa”. Em uma palavra, Adorno e Horkheimer teriam submergido em um tipo de pessimismo quanto às possibilidades de realização do projeto moderno, com a falência dos mais caros ideais de emancipação social e a impossibilidade de suas ressuscitações.

Mas isso jamais poderia ter sido uma novidade para Habermas em 1986, uma vez que ele mesmo já havia confrontado teoricamente, com seu projeto de fôlego da razão comunicativa sistematizado em *Teoria da ação comunicativa*, de 1981, as teses inapeláveis da razão instrumental e da indústria cultural. Estudos robustos e sistemáticos sobre o abandono de perspectivas revolucionárias por parte dos antigos filósofos do Instituto, quase todos de alguma forma adeptos das teses de Benjamin sobre a história, já tinham sido publicados, e seus variados motivos eram mais do que conhecidos. Mesmo do outro lado do Atlântico, no Brasil, Olgária Matos já havia defendido sua tese sobre *Os arcanos do inteiramente outro* (apresentada como tese de doutoramento justamente em 1986 e publicada como livro em 1989) com um capítulo pioneiro dedicado à natureza pessimista da emancipação humana no último Horkheimer. Em seu *A fisionomia espiritual de Max Horkheimer*, publicado como estudo introdutório à edição póstuma de *Notizen*, de 1974 (e republicado como capítulo em 1977)⁹, Alfred Schmidt sintetizara a “situação espiritual e histórico-política” que Habermas também conhecia bem: no ambiente ideal da Guerra Fria,

contra o Ocidente [...] encontram-se alinhadas uma grande potência militar e uma agressiva ideologia stalinista. O marxismo, já brutalmente retomado nos anos do nacional-socialismo, continua a aparecer – aos olhos da expressiva maioria dos alemães-ocidentais, inclusive das organizações operárias – como doutrina inaceitável por definição, na medida em que é imediata-

⁸ “A aporia com que defrontamos em nosso trabalho revela-se assim como o primeiro objeto a investigar: a autodestruição do esclarecimento. Não alimentamos dúvida nenhuma – e nisso reside nossa *petitio principii* – de que a liberdade na sociedade é inseparável do pensamento esclarecedor. Contudo, acreditamos ter reconhecido com a mesma clareza que o próprio conceito desse pensamento, tanto quanto as formas históricas concretas, as instituições da sociedade com as quais está entrelaçado, contém o germe para a regressão que hoje tem lugar por toda parte. Se o esclarecimento não acolhe dentro de si a reflexão sobre esse elemento regressivo, ele está selando seu próprio destino” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 10).

⁹ Na coletânea de A. Schmidt com três textos próprios, intitulada *Drei Studien über Materialismus* (München, Carl Hanser).

mente equiparada ao regime soviético. Nestas circunstâncias, não há mais sentido para a escola recolhida em torno a Horkheimer insistir naquela unidade de análise crítica e práxis revolucionária, que se antes já aparecia como problemática, agora parece se fazer totalmente improvável (SCHMIDT, 1977, p. 104, trad. minha).

O capítulo de Habermas (*Observações sobre o desenvolvimento da obra de Max Horkheimer*, de 1986) não revelaria, pois, uma simples desatualização em relação a esse contexto histórico e teórico, não revelaria um inacreditável descompasso em relação ao “estado da arte”, mas sim uma refutação proposital e pontual do referido texto de Alfred Schmidt (*A fisionomia espiritual de Max Horkheimer*, de 1974/1977), em especial sobre o estatuto filosófico do pensamento horkheimeriano tardio registrado em *Notizen* – refutação publicada numa coletânea organizada pelo próprio Alfred Schmidt –, inclusive com o uso de termos idênticos aos do interlocutor. Se Schmidt (1977, p. 109) afirma que as *Notizen* contêm “a substância da última filosofia de Horkheimer”, Habermas (1986, p. 276) afirma que “a substância da sua obra” reduz-se “aos trabalhos que apareceram antes do fim da Guerra”. Se Schmidt considera que *Notizen* são “o testamento espiritual de Horkheimer”, que “deveria substituir a grande obra da qual falava frequentemente em seus últimos anos, e que a ocasião do final o impediu de escrever” (SCHMIDT, 1977, p. 131), e que chegaria até mesmo a resultados semelhantes ao da *Dialética negativa* de Adorno (idem, p. 112), Habermas vê nelas um Horkheimer solitário, “que prolongou sua Teoria duplamente fraturada confiando-a às páginas de um diário” (HABERMAS, 1986, p. 293).

O que intérpretes como Post (1971), Schmidt (1977), Matos (1989) e outros não dispostos à reprovação sumária da produção tardia de Horkheimer delineiam sobre o contexto e os motivos da última Teoria Crítica horkheimeriana é inteiramente coincidente: o abandono do projeto original dos anos 1930 e as teses cada vez mais desencantadas da dialética do esclarecimento e da razão instrumental, acentuadas e reiteradas a partir de textos do exílio como *O fim da razão* (ou *Razão e autoconservação*) e *Eclipse da razão* (ou *Para a crítica da razão instrumental*), não acarretaram em deserdar a crítica e entregar-se à resignação na fase tardia. Apenas em reconhecer que, tanto para a pesquisa e a doutrina social quanto para o horizonte emancipatório proporcionado com auxílio delas, seria impossível não ter de ser mais modesto em relação às ambições das fases anteriores da teoria: “reduzem-se à tentativa [...] de compreender as profundas mudanças antropológicas em curso e de proteger os indivíduos dos pensamentos ou comportamentos ilusórios e sujeitos ao preconceito. Trata-se de uma contribuição à emancipação de seres humanos politicamente conscientes, os quais desejam um mundo mais justo e racionalmente fundado” (SCHMIDT, 1977, p. 116, trad. minha).

Para tanto, com a inserção cada vez mais explícita de Schopenhauer no quadro da Teoria Crítica, é o papel cada vez mais atuante de um pessimismo crítico e não-conformista que será elaborado; pessimismo, aliás, que ao contrário do que parece supor Habermas, não é mera decretação de desesperança. A esperança do pessimismo apenas é outra esperança que não a histórica, pois como elabora Matos (1993, p. 75), buscar a vitória histórica significaria “manter-se no registro do inimigo”. Não por acaso, são desse período pós-retorno do exílio as frequentes conferências de Horkheimer sobre Schopenhauer e o pessimismo na sede da Schopenhauer-Gesellschaft, em Frankfurt¹⁰. Uma tentativa de síntese do que consistiria um pessimismo crítico ou pessimismo crítico social horkheimeriano desse período, em oposição ao pessimismo metafísico schopen-

¹⁰ Para um resgate dos contextos teóricos e dados biográficos e institucionais da maior aproximação de Horkheimer com a Sociedade Schopenhauer após seu retorno dos Estados Unidos, em especial sobre cada uma das conferências proferidas, cf. FAZIO, 2023b.

nhaueriano, em especial se notado a partir dos cinco artigos que dedicou a Schopenhauer de meados da década de 1950 até um ano antes de seu falecimento (ocorrido em 1973), seria a seguinte: i) a recusa terminante em atribuir genericamente a uma dinâmica própria do mundo volitivo as causas da falta de satisfação prometida e não cumprida pelo progresso; ii) um pessimismo que, em lugar de sobrecarregar “o mundo”, filiaria os fracassos sociais a suas respectivas sociedades, dinâmicas e compromissos; isto é, a ideia de que um pessimismo metafísico em relação à sociedade precisaria ceder para um pessimismo crítico *das sociedades* ou de seres sociais específicos; iii) a crítica de uma cada vez menor importância do indivíduo e da cultura no interior da sociedade administrada, depois de Auschwitz, ou depois dos horrores de Hitler e Stalin. Neste caso, o diagnóstico de um pessimismo não resignado ou não conformista seria o de que “ao horror do passado sucederá um futuro administrado” (HORKHEIMER, 2024a, p. 230, trad. minha), com o que a humanidade se converteria em um gênero unitário como o de outros seres vivos; e que a fantasia, a religião, o anseio e o pensamento autônomo seriam ilusões superadas. Esse pessimismo, ao contrário daquele de Schopenhauer, seria incondicionado por não contar com qualquer alternativa quietista ou redentora de retorno à vontade universal daqueles que superaram o egoísmo. O seu material seria abundante no próprio desenvolvimento da sociedade.

No entanto, tão importante quanto o papel acessório que esse pessimismo empresta para diagnósticos do presente no “mundo administrado” é a função que ele desempenha como mecanismo metodológico garantidor do *negativo* da crítica para suas proposições sobre o futuro, como instrumental de repulsa, ao mesmo tempo, ao positivismo e ao “otimismo conciliatório”. Na referida entrevista em que conta a Gerhard Rein sobre como Pollock lhe apresentou Schopenhauer dizendo que “talvez você se interesse por isso [pelos *Aforismos para a sabedoria de vida*]”, Horkheimer sintetiza, retrospectivamente e no ano anterior ao de sua morte, por que e em que termos “aquilo” lhe interessou muito. Rein havia perguntado a Horkheimer sobre a influência que sofrera de três pensadores: Schopenhauer, Freud e Marx. Na parte da resposta sobre Schopenhauer, o ilustre interlocutor afirma:

Posso dizer que Schopenhauer não só desempenhou um papel importante na minha vida, mas inclusive a Teoria Crítica - como mais tarde foram chamados meus pensamentos - contém muito de Schopenhauer; pois ele diz, como eu, que não podemos descrever o que é absolutamente bom, mas diz: “Em última análise, a essência de todas as coisas é o mal, nomeadamente vontade de vida, a busca pelo bem-estar e pelo existir; e o verdadeiramente verdadeiro está no além - isso é o quão longe ele vai, mas não eu -, é o Nada”. Então lidei muito intensamente com Schopenhauer (HORKHEIMER, 2024b, p. 451-452, trad. e grifos meus).

Se na edição de seus *Gesammelte Schriften* essa entrevista foi intitulada *Esperar o mal e ainda assim buscar o bem* (*Das Schlimme erwarten und doch das Gute versuchen*, cf. HORKHEIMER, 2024b), ela não deixaria de poder ser compreendida como inteiramente afinada à nossa hipótese, pois o bem a ser buscado aí já é suposto como conceito negativo, como negação do mal. Alfred Schmidt captou e sintetizou com clareza essa negatividade de toda e qualquer proposta emancipatória horkheimeriana – que, então, continua existindo: “Crítica – e isso é ainda mais raramente reconhecido – ela o é na medida em que, com Schopenhauer, afirma corajosamente que a espécie humana, inclusive quando pudesse ser mais sabiamente organizada, permanece ancorada em uma finitude radical: a espécie humana é algo de mísero no cosmos” (SCHMIDT, 1974, p. 139). É nesse horizonte que em um aforismo das *Notizen* com a data imprecisa de 1966-1969, intitulado justamente *Sobre a Teoria Crítica*, lemos uma explícita e renovada refutação de qualquer posituação da sua concepção tardia: “Ela [a Teoria Crítica] declara que o mal pode ser indicado – sobretudo na esfera social, mas também naquela do humano singular, na esfera moral

– mas o bem, não” (HORKHEIMER, 2008, p. 419, grifos meus). O que o pensador parece querer operar aqui, no limiar da década de 1970 e após tantas fases marcantes e de direções diversas que a Teoria Crítica originária das décadas de 1920 e 1930 já havia experimentado (em especial, pelos trabalhos dos outros “frankfurtianos”), é uma espécie de insistência renovada – que é, de forma proposital, apenas parcialmente uma novidade – em relação às teses centrais da *Dialética do Esclarecimento* e de *Eclipse da razão* (ou de *Para a crítica da razão instrumental*). Neste último texto, lemos o seguinte: “O que tem sido dito sobre a dignidade do ser humano é, por certo, aplicável aos conceitos de justiça e igualdade. Tais ideias devem preservar o elemento negativo, a negação do antigo estágio de injustiça ou iniquidade, e, ao mesmo tempo, conservar a significância absoluta original, enraizada em suas terríveis origens. De outra forma, elas tornam-se não apenas indiferentes, mas falsas” (HORKHEIMER, 2015b, p. 45).

Para a insistência do final da década de 1960, duas ilustrações são trazidas à baila: a proibição hebraica de representar Deus e a divisa kantiana de divagar em mundos inteligíveis contém ambas o reconhecimento da impossibilidade de determinar o Absoluto, ao que se segue a afirmação mais importante para a nossa questão: “o mesmo ocorre na Teoria Crítica” (HORKHEIMER, 2008, p. 420) na medida em que declara que o mal se refere substancialmente ao presente enquanto o bem precisa se confirmar como tal a cada vez, ou seja, não pode ter sua afirmação ou confirmação antecipada, pois isso transcenderia as possibilidades de quem julga e representaria a absolutização de uma hipótese. Daí, entre negativo e positivo, a conclusão só pode ser uma: “A análise crítica da sociedade denuncia a injustiça dominante; a tentativa de superá-la levou repetidamente a uma injustiça ainda maior” (idem, p. 420). Claro que Horkheimer não está advogando, aqui, furtar-se à ação ante o mal sob nossos olhos; de forma alguma defende a omissão diante dos males cotidianos, como um assassinato ou o escárnio da fome. Nenhum imobilismo é apregoado. Está se referindo à superação de tipos de injustiça e de opressão pela implementação de medidas que necessariamente conduzem a outras injustiças, e que o desenvolvimento e o progresso necessariamente produzem novos males: “A circunstância de que o desenvolvimento cego da tecnologia fortalece a opressão e a exploração social ameaça, a cada estágio, transformar o progresso em seu oposto, a completa barbárie” (HORKHEIMER, 2015b, p. 149). O determinante, nesse sentido, é a insistência de Horkheimer na importância do negativo: “Se se quer definir o bem como tentativa de abolir o mal, então é possível determiná-lo. Justamente esse é o ensinamento da Teoria Crítica. Já o contrário – ou seja, a tentativa de definir o mal por meio do bem – seria impossível, inclusive na moral” (HORKHEIMER, 2008, p. 420)¹¹.

Disso se colhe que a relação umbilical entre pessimismo e Teoria Crítica por meio do conceito de “negativo” poderia ser resumida nos seguintes termos: buscar o bem significaria negar o mal por meio da constante busca por “eliminar o pior” relativo a cada caso. Para garantir coerência semântica, um pessimismo filosófico (de teor schopenhaueriano) precisaria ser assumido, e empregado enquanto termo, como sinônimo e garantidor do “negativo” – dado ser impossível defini-lo sem a noção de mal como conceito positivo, o que acarreta a busca do bem apenas como negação do mal – e otimismo precisaria ser assumido como sinônimo de “positivo” ou de positividade – dado ser impossível defini-lo sem a noção de bem como conceito positivo, o que acarretaria a busca do bem como afirmação ou como absoluto. Essas premissas apoiam tanto o pensamento de Schopenhauer como influenciador de Horkheimer quanto, ao menos par-

¹¹ Cf. também HORKHEIMER (2008), aforismos intitulados *Dificuldades com o mal* e *O mal na história*.

cialmente, as sistematizações declaradas do pessimismo que se seguiram à obra do autor de *O mundo como vontade e representação*, com modificações da sua metafísica da vontade por Eduard von Hartmann e pelos outros pensadores e pensadoras do *Pessimismustreit* da segunda metade do século XIX. Horkheimer, se não foi influenciado diretamente pelos autores desse grupo¹², o foi confessadamente por Schopenhauer como fonte comum. Como motivo basilar dessa influência, está todo o conteúdo negativo do pensamento schopenhaueriano – que Horkheimer soube captar de forma sutil –, espreado em uma variedade de conceitos: o bem, a liberdade, o prazer e a felicidade apenas negam a primazia do mal, a determinação ou a opressão, a dor ou os sofrimentos.

Frente a Schopenhauer como sua fonte para o mal positivo metafísico, a tarefa que Horkheimer se coloca direta ou indiretamente pode ser registrada nos seguintes termos: a partir do consenso quanto a premissas básicas opostas às de todo otimismo filosófico, como aquela da positividade do mal e do sofrimento em detrimento da negatividade do bem e da felicidade, e a da preferência pelo não-ser em lugar do ser, que tipo de ação supra-individual agregaria sentido para ser socialmente motivada, defendida e promovida? Ou seja, como mobilizar socialmente o pessimismo a favor da crítica emancipatória? Se o nominalismo de Schopenhauer em relação à sociedade e à concessão de “realidade” apenas aos indivíduos não o deixaram propor saídas sociais e políticas robustas, a sua reiterada não-justificação do existente e seus esboços de crítica social, em especial da obra tardia¹³, parecem ter bastado para que parte de seus intérpretes assumisse a elaboração de projetos socialmente engajados, ou diretrizes de projetos, como decorrência do pessimismo metafísico. Horkheimer, que assim contradiria a avaliação de Habermas, não deixou de ser um deles, em especial na fase tardia. O rebaixamento do fator histórico-social ou de alguma totalidade não impediria a práxis em geral. Impediria apenas a práxis de tipo marxista, inclusive aquela não-ortodoxa nos moldes propostos nos anos 1930. A práxis seria reconfigurada com fatores menos pretenciosos, e certamente menos utópicos.

Claro está que, para isso, se considera superada a limitação da ideia de que pessimismo seja necessariamente sinônimo de quietismo, resignação ou imobilismo, algo que só quem insiste em um pessimismo monossêmico continuaria negando. Se minimamente “crítico”, mesmo se não em sentido estrito do adjetivo “crítico” de uma Teoria Crítica, não podemos mais compreender pessimismo meramente como versão filosófica do seu emprego popular, usado, em geral, para expressar desânimo, falta de esperança ou expectativa ruim em relação ao futuro. A chamada “esquerda schopenhaueriana”, que segundo Lütkehaus (2007) tem o próprio Horkheimer como um dos seus fundadores iniciais, já foi suficientemente definida¹⁴ e propicia atualmente novas elaborações e propostas.

¹² Na obra publicada e também no espólio geral disponível nos Arquivos Horkheimer da Goethe-Universität Frankfurt não se encontram citações, referências ou indicações diretas de Horkheimer sobre autores do *Pessimismustreit* da segunda metade do século XIX, como a Eduard von Hartmann, Agnes Taubert, Olga Plümacher, Julius Bahnsen e Philipp Mainländer (cf. HORKHEIMER, 2024c).

¹³ Horkheimer cita de forma reiterada as denúncias de Schopenhauer contra a escravidão negra e a exploração do trabalho, em especial do trabalho infantil, nas fábricas de sua época. As críticas são elaboradas pelo filósofo da vontade no Tomo II de *O mundo como vontade e representação* (cf. SCHOPENHAUER, 2015, Cap. 46) e no Tomo II de *Parerga e paralipomena* (cf. SCHOPENHAUER, 2012, § 114 e 125).

¹⁴ A fundamentação da chamada “esquerda schopenhaueriana” conta, hoje, com pelo menos os seguintes principais sustentadores (em ordem cronológica): LÜTKEHAUS, 1985, 2006, 2007; DEBONA, 2013, 2020, 2022; DURANTE, 2018, 2022; CACCIOLA, 2022; CIRACÌ, 2022; FAZIO, 2023a.

III

Mas se é assim, e se foi de Schopenhauer que Horkheimer assimilou o mal como conceito positivo para as tarefas da crítica da sociedade, o bem como conceito negativo - porque existe apenas na medida em que *nega* o mal -, e, por conseguinte, o conceito de pessimismo como pessimismo *crítico* e como expressão do negativo, como, então, faria sentido e seria coerente a orientação reiterada que encontramos em outros escritos tardios sobre o pessimismo *teórico* precisar corresponder a um otimismo *prático*, ou a uma práxis otimista? Seria relevante indicar em que medida essa espécie de oscilação em relação ao papel consequente de um pessimismo na formulação da Teoria Crítica originária horkheimeriana pode confundir e prejudicar. Ela pode ter afetado a compreensão de Habermas? A nosso juízo, se teria potencial para tanto, uma consideração sobre o emprego impreciso dos termos “pessimismo” e “otimismo” e seus sentidos não compromete o essencial, isto é, o conteúdo material - filosófico e sócio-político - do que pode ser chamado de *esboço de emancipação anti-otimista* na última Teoria Crítica de Horkheimer. Vejamos.

Uma das ocasiões em que elaborou a referida divisa de pessimismo teórico e otimismo prático foi no final do texto Teoria Crítica ontem e hoje (1969), escrito algumas semanas após o falecimento repentino de seu amigo Adorno, e que foi apresentado em pelo menos duas conferências antes de ser publicado em 1970:

Para concluir, gostaria de dedicar uma palavra sobre a diferença entre pessimismo e otimismo. A minha concepção de culpa do gênero humano é efetivamente pessimista; e pessimista é a convicção de que a história caminha em direção a um mundo administrado, com o que aquilo que chamamos de espírito e fantasia acabará por regredir em grande medida [...]. Mas, então, em que consiste o otimismo que partilho com Adorno, o meu amigo falecido? Na convicção de que, apesar de tudo, se deve buscar e tentar realizar aquilo que se retém como verdadeiro e bom. *Era esse o nosso princípio: pessimista na teoria e otimista na prática* (HORKHEIMER, 2022, p. 353, trad. e grifos meus).

Qual pessimismo para a teoria e qual otimismo para a prática? E como poderia uma práxis negativa, com aquela carga conceitual mais schopenhaueriana do que marxista, reivindicar como seu aliado um *otimismo* prático? A reincidência da ideia pode nos esclarecer alguns pontos. Ela acontece no artigo *Pessimismo hoje*, escrito naquele mesmo ano de 1969 para ser apresentado como conferência na Sociedade Schopenhauer, e publicado em 1971 no Schopenhauer-Jahrbuch: após registrar novamente seu diagnóstico de um mundo completamente administrado como resultado do progresso avassalador da razão instrumental em detrimento da autonomia individual, dos valores culturais e do espírito, Horkheimer afirmará que a quem é consciente “da miséria do passado, da injustiça do presente e da perspectiva de um futuro sem significado espiritual” (HORKHEIMER, 2024a, p. 232, trad. minha) restaria apenas o anseio (*Sehnsucht*) constantemente ameaçado pelo progresso; mas que, *se essas pessoas resistentes se encontrassem*, não seria insignificante o que ainda poderiam realizar para “aliviar os sofrimentos humanos” (ibidem): poderiam consentir uma forma de solidariedade que compreenderia *aspectos* teológicos não dogmáticos, sendo que (o que nos interessa em particular) suas atitudes, “em última análise *negativas* (*negative Haltung*), seriam consoantes àquela que aqui em Frankfurt é chamada “Teoria Crítica” (ibidem). Essa práxis negativa resultante de pessimismo e Teoria Crítica é assim elaborada:

Os seres humanos unidos por esse anseio não poderiam afirmar nada sobre o Absoluto, sobre uma realidade puramente inteligível, sobre Deus e a redenção, não poderiam atribuir um valor de verdade absoluta ao seu conhecimento, a nenhuma forma de conhecimento; poderiam, no entanto, difundir a solidariedade, indicar – levando em conta aquele progresso que é necessário, embora deva ser pago com um alto preço – o

que deve ser mudado ou preservado para aliviar os sofrimentos humanos (HORKHEIMER, 2024a, p. 232, trad. minha).

Ora, aqui se encontra um elemento central para aquilo que podemos compreender como esboço de projeto emancipatório negativo ou anti-otimista da fase tardia horkheimeriana: admitindo-se formas de organização social, algo como “comunidades de resistências” pautadas pelas mais diversas causas poderiam se formar em torno de uma ideia pessimista de solidariedade, essa que por si mesma já é necessariamente apenas a negação de determinada opressão na imanência do mal social. Ao contrário da afirmação de Habermas de que Horkheimer teria reduzido toda e qualquer saída ao terreno da teologia, está claro que esse tipo de práxis, se admite “aspectos” ou “momentos” teológicos, não se reduz a eles. O problema, então, não seria exatamente aquele apontado por Habermas, mas sim o que surge do fato de essa espécie de chamamento pessimista de Horkheimer à ação ser finalizada com os seguintes termos: “Ao *pessimismo teórico* poderia ser associada uma *práxis não anti-otimista* (*nicht unoptimistische Praxis*) – que, ciente do mal universal, tentasse melhorar o mundo tanto quanto possível” (HORKHEIMER, 2024a, p. 232, trad. minha).

Ou seja, uma práxis, em última instância, otimista. Se a dupla negação da língua alemã (*nicht + un*) poderia denotar um contorcionismo retórico de Horkheimer para não advogar expressamente uma *práxis otimista* ou um *otimismo prático* em um artigo intitulado *Pessimismus heute*, publicado no Schopenhauer-Jahrbuch de 1971 após ser apresentado como conferência em evento da Sociedade Schopenhauer cerca de dois anos antes (em novembro de 1969), essa indicação expressa foi registrada no já citado *Teoria Crítica ontem e hoje*. Não é mera coincidência o fato de se tratar do mesmo texto em que reiterou terem sido Schopenhauer e Marx os dois filósofos que mais influenciaram os inícios da Teoria Crítica. A compreensão dessa aparente estranheza dependeria em grande medida do teor da práxis em questão. Nessa época, sabemos ao menos que ela está despida, há muito tempo, de sua antiga roupagem em tons predominantemente marxistas, da ideia de uma “sucessão histórico-universal de fases materialisticamente concebidas” (SCHMIDT, 1977, p. 114). Trata-se mais, para esse “último Horkheimer”, de uma espécie de “práxis schopenhaueriana” que não abandona tudo o que pode germinar do marxismo não-ortodoxo das fases anteriores. E, ainda assim, seria possível compreender que Horkheimer tenha dissociado teoria e prática do pessimismo para, ao mesmo tempo, se distanciar de Schopenhauer, para quem, como lemos no Tomo II de sua obra principal, “se expresso PRATICAMENTE, [o mundo] não deveria ser, TEORICAMENTE ele também não seria um problema” (SCHOPENHAUER, 2015, p. 662), o que implicaria para Horkheimer definir também a práxis do pessimismo teórico como questão metafísica de ser ou não ser, ou da preferência pelo não-ser. Isso realmente não poderia definir um pessimismo crítico ao modo da Teoria Crítica, inclusive porque Horkheimer não reconhece todas as conclusões da metafísica schopenhaueriana.

Ainda sobre essa espinhosa questão, há mais um elemento. Ele pode ser colhido das mesmas *Notizen*, em especial de um fragmento de 1961-1962, em que lemos uma curiosa crítica pontual ao que Horkheimer chama de “o otimismo de Schopenhauer”. A crítica é dirigida fundamentalmente às teses da negação da vontade expostas no Livro IV de *O mundo como vontade e representação*. O frankfurtiano acusa o “Buda de Frankfurt” de ser contraditório em relação a seu pessimismo devido às teses de metafísica imanente que admitem a soteriologia da vontade individual, mediante quietismo espontâneo como primeiro passo para o retorno da vontade cindida à vontade una: “Seja lá o que for que um ser humano sonhe como final do sofrimento, morte e

ressurreição, o que afirme de forma absoluta, o amor celeste ou terrestre: tudo isso não é mais que um instante de falsa infinitude. A boa infinitude é um consolo duvidosamente filosófico. Dessa maneira, em última instância, Schopenhauer se confirma contra si mesmo” (HORKHEIMER, 2008, p. 388, trad. minha). Mesmo sabedor da natureza não-ensinável e extremamente rara do ascetismo schopenhaueriano, Horkheimer se incomoda com o otimismo redentor deixado como única e remota brecha para libertação dos horrores terrenos. A tese “demasiado afirmativa” de Schopenhauer, como elabora Schmidt, pareceu a Horkheimer se sobrepor à verdade de que “a dor é eterna”.

Mas se, como indicado acima, Horkheimer se tornou defensor de um tipo de otimismo em sua fase tardia – em seu caso, ao contrário de Schopenhauer, expressamente admitido –, ele não teria incorrido no mesmo problema que acusara em Schopenhauer, ainda que com outro conteúdo? Afinal, o conteúdo filosófico do que chamou de “otimismo prático” ele mesmo teria fornecido, como está evidente na elaboração de 1971, quando menciona expressamente o “anseio” (*Sehnsucht*): se trataria, em suma, de tudo aquilo que compõe a sua defesa do “anseio pelo inteiramente Outro”, incluindo para tanto o papel de uma teologia negativa e uma clara esperança: “[...] A esperança de que essa injustiça que caracteriza o mundo não permaneça, de que a injustiça não seja a última palavra. [...] Um anseio de que o assassino não triunfe sobre a vítima inocente” (HORKHEIMER, 2024b, p. 389, trad. minha). Isso, portanto, levaria o leitor a entender que estivesse defendendo uma declarada e proposital positividade (cf. RAMOS, 2017), mesmo com a reiterada afirmação de que a teologia não dogmática e a solidariedade reivindicadas para tanto seriam necessariamente *negativas*; pois, com isso, se estaria buscando de qualquer modo um mundo justo, ao invés de um menos injusto.

IV

Porém, um suposto “Horkheimer contra Horkheimer” deixa-se entrever como improcedente nos fragmentos de *Notizen*. Apesar das referidas indicações em vista de uma “práxis otimista” como a face prática do pessimismo teórico, há uma paralela suposição de que nenhum otimismo – filosoficamente justificado – sustentaria o tipo de práxis anti-utópica e anti-finalista que ainda restaria. A aparente contradição se desfaz quando notamos que o emprego de “pessimismo” ou “pessimista” e de “otimismo” ou “otimista” nem sempre é feito em sentido estritamente filosófico-crítico no sentido da tradição schopenhaueriana, e que, nas ocasiões em que registrou o “otimismo prático” como necessário, Horkheimer não se referia rigorosamente ao conceito de otimismo da tradição filosófica moderna, recusado como falso e perverso por Schopenhauer e por ele mesmo por justificar as dores e os males em nome do bem ou do progresso. O otimismo filosófico, conceitualmente considerado e alvo da crítica de tradição schopenhaueriana, opera ao lado das “reconciliações idealistas” em relação ao *status quo*; e a ele a Teoria Crítica agregou a resignação, retirando-a do pessimismo: “A Teoria Crítica recusa qualquer otimismo que confira à *objetividade* – entendida seja como *progresso*, seja como *finalidade* – a ‘realização da história’ [...]”; recusa a espera otimista de que do próprio curso do mundo haverá a vitória do sentido e da razão” (MATOS, 1989, p. 254). Desse modo, o que Horkheimer chama de “otimismo prático” ou de “práxis não anti-otimista” não poderia, apesar da terminologia, ser compreendido como portador de semântica correspondente a seu par “pessimismo teórico”, ou seja, de um sentido oriundo da tradição que ele herda e reelabora enquanto pessimismo crítico, componente basilar do que Lütkehaus (2007) dissera se tratar de uma “esquerda schopenhaueriana”.

Em vez disso, se trataria mais de um otimismo em sentido cultural e de uso coloquial. Essa compreensão salvaria a coerência em relação à continuidade de uma sintonia parcial com a ideia marxiana de práxis – que não dissocia teoria de prática –, mesmo se considerarmos que essa fase tardia de Horkheimer é justamente menos fiel a Marx. É como se Horkheimer se permitisse uma dinâmica conceitual menos rígida em relação a seus principais influenciadores dos inícios da Teoria Crítica (Marx e Schopenhauer), uma hipótese que pode ser atestada por outro fragmento das *Notizen* intitulado *Otimismo socialmente necessário*: “Que os seres humanos sejam alegres e de bom humor, que digam sim à vida, exprime a finalidade à qual a cultura se propõe, por mais horrível que seja o fundamento do mundo, o modo com que é organizado, a cadeia funesta da história, a morte na dor, na angústia, na miséria” (HORKHEIMER, 2008, p. 390, trad. minha). O fato de “o otimismo dos governados” ser determinante para o êxito de governos não se confunde com a defesa de um otimismo filosófico como doutrina justificadora do mundo e seus males, em que “a *mentalidade afirmativa* com a qual o horror da realidade não se torna superado, contribui apenas para perpetuá-lo” (ibidem, grifos meus). Ou seja, não haveria uma contradição em termos. O pessimismo crítico-filosófico e consequente da última Teoria Crítica horkheimeriana estaria garantido e poderíamos compreender suas hipóteses a partir de um anti-otimismo, não obstante a recomendação de um tipo popular e cultural de otimismo para a ação.

Por essa senda, podem ser reconhecidos alguns dos conteúdos mais específicos do que sugiro chamar de esboços de emancipação anti-otimista da obra tardia de Horkheimer. Estão espalhados pela referida coletânea de apontamentos (*Notizen*), que também poderiam ser considerados aforismos de política não-radical. “Anti-otimista” e “anti-positivista” teriam de poder ser considerados, nesses esboços de direcionamentos, como sinônimos, ao passo em que expressam o que significa o acima mencionado horizonte emancipatório “mais modesto” em relação às pretensões da primeira Teoria Crítica horkheimeriana. Os esboços anti-utópicos, de “política negativa” e de anti-extremismo, performariam elementos para projetos emancipatórios *anti-otimistas* no plano crítico-filosófico *stricto sensu*, ainda se otimistas no plano cultural *lato sensu*.

Um norte pode ser localizado no aforismo intitulado *Negativos*, em que lemos: “Os espíritos negativos, negativistas, que veem e dizem apenas o que é horrível, apenas o que não deve ser, que têm medo de nominar Deus, o que esses espíritos, afinal, desejam? Que as coisas melhorem. Os positivistas agem em Seu nome, dizem sim ao mundo e ao Criador. Unem-se – não são contra os sacros valores. Os têm sempre na ponta da língua. Assim Hitler uniu os alemães, fazendo dos judeus a vítima designada; Nasser os árabes, designando Israel ao papel de vítima” (HORKHEIMER, 2008, p. 240). Não é necessário considerar os positivistas que agem em nome do bem chamado Deus; seriam suficientes os que o fazem em nome de qualquer bem. Esse norte pode também ser captado no aforismo intitulado simplesmente *Teoria Crítica*, em que Horkheimer ironiza o fato de que se continue exigindo incessantemente da Filosofia indicações práticas sobre “o que precisa ser feito”, indicando que a Filosofia “não encontrou nenhum novo céu para poder apontar, nem mesmo um céu terreno; e que a sua descoberta é justamente a de que “o céu ao qual se pode indicar um caminho não é um céu” (idem, p. 253). E, ainda, no aforismo *Os três erros de Marx*, que denuncia a concepção burguesa de sociedade e de liberdade pela denúncia dos horrores e da miséria que precisariam ser aceitos em nome da busca positiva por essa liberdade; bem como a crença de Marx de que a paz a ser alcançada entre as classes significaria também a paz entre os homens e em relação à natureza.

Por isso mesmo, a emancipação anti-otimista aqui indicada precisaria mais de Schopenhauer

do que de Marx: “O materialismo de Marx, quando livre do autoengano idealista, se aproxima mais de Schopenhauer do que de Demócrito” (HORKHEIMER, 2008, p. 270, trad. minha). No reino da liberdade, Horkheimer não reconheceria mais do que “a solidariedade com a vida, a luta pela justiça não apenas na sociedade, mas na natureza em geral”. Essa solidariedade que, como formulou magistralmente Olgária Matos (1989, p. 253), “nós a conquistamos graças à desesperança”. Por essa via, é Schopenhauer quem fomenta a práxis porque fica do lado do que é temporal e não do que é desapiedadamente eterno; a solidariedade como conceito negativo e suas potencialidades no âmbito de uma política negativa fundamenta-se na ideia de que a união dos humanos, ação que nega e resiste, deve-se ao desconsolo e ao desamparo como signos da positividade do mal.

Mas é no aforismo intitulado *Política negativa* que encontramos expressamente um exemplo prático fundamental do que estou propondo chamar de emancipação anti-otimista – para não dizer emancipação negativa. Horkheimer começa observando que “também na *política* vale a *teologia* negativa” (HORKHEIMER, 2008, p. 260, trad. minha). Isto é, a ideia de que as conhecidas teses do “anseio pelo inteiramente Outro”, defendidas como tendo, inclusive, momentos ou aspectos teológicos, teriam o mesmo ou ainda maior espaço na política. A hipótese basilar, que intitula o presente artigo e com a qual o pensador conclui o aforismo, é registrada por Horkheimer como uma espécie de lema: “*Eliminar o pior é mais humano do que buscar o bem*” (idem, p. 261). O problema posto corresponde, em outros termos, à pergunta sobre em que medida seria possível defender um projeto libertário ou emancipatório sem o apelo a um futuro *melhor* – utópico ou não – em sentido estrito e positivo, dado que “melhorar” dificilmente não é associado a um *bem* (positivo) que precisaria ser buscado como tal. O problema não seria meramente retórico com os qualificativos *melhor* e *pior*. Bastaria, para evitar essa dificuldade linguística inerente à busca por um mundo melhor e seu bem correspondente, substituir a positividade do melhor por uma linguagem que garanta algo de negativo? Buscar um mundo *menos pior*?

O caso escolhido pelo pensador para ilustrar essa direção de sua última Teoria Crítica soa de extrema atualidade: “Os programas de planificação econômica, que hoje se reduzem quase que inteiramente à apologia do *trend* frequentemente verificável nos Estados Unidos, têm a sua razão de ser em uma exigência de justiça. Mas não se sabe se a miséria pior – aquela que pede socorro nos cárceres e nos manicômios – se deva mais à intervenção brutal do que à planificação econômica” (idem, p. 260-261). A ideia, atualizadora da tese acima citada de *Eclipse da razão*, é a de que a justiça exigida estaria, no final das contas, identificada ao sistema injusto que, em nome de tendências econômicas – hoje, diríamos tendências de mercado – tornaria as realidades sociais ainda mais cruéis, com maior alcance de seus efeitos, ou apenas substituiria um mal por outro. Se trataria de uma “antinomia da Teoria Crítica”, conforme expressa o título de outro aforismo, que “reconhece que a injustiça é idêntica à barbárie, mas que a justiça é inseparável daquele processo tecnológico que transforma a humanidade em refinada espécie animal que reduz o espírito a uma manifestação superada da própria infância” (idem, p. 423). A aporia é repetida na entrevista sobre “o anseio pelo inteiramente Outro”, de 1970: “Justiça e liberdade são conceitos dialéticos. Quanto mais justiça, menos liberdade; quanto mais liberdade, menos justiça. Liberdade, igualdade, fraternidade é um slogan maravilhoso. Mas se se quer manter a igualdade, então se tem que restringir a liberdade, e se se quer deixar as pessoas livres, então não pode haver igualdade” (HORKHEIMER, 2024b, p. 403, trad. minha). Uma atualização em termos de “mundo administrado” da antiga aporia da autodestruição do esclarecimento da *Dialética do*

Esclarecimento.

Essa antinomia da Teoria Crítica é a mesma do próprio pessimismo crítico que não cede seu papel, pois em outro aforismo de *Notizen*, intitulado justamente *Sobre o pessimismo*, é resumida a ideia acima referida da substituição de um mal por outro: a lógica imanente do máximo desenvolvimento social e, com isso, de supostas superações de mazelas do passado e do presente, não consegue evitar que, ao final, a vida se torne completamente automatizada: “O domínio do ser humano sobre a natureza consegue uma extensão tal que chega a comportar nela o desaparecimento da penúria [...], mas, ao fim e ao cabo, é também total desencanto, extinção do espírito” (HORKHEIMER, 2008, p. 420, trad. minha). Daí, mais uma vez, não obstante a certeza pessimística de que o saldo não será positivo e o mundo continuará *pessimus*, não deriva qualquer resignação, mas a clareza de que “hoje, a Teoria Crítica precisa [...] se referir ao chamado progresso, ou seja, ao progresso técnico, e aos efeitos que ele produz nos seres humanos e na sociedade; [...] denunciar a dissolução do espírito e da alma, a vitória da racionalidade instrumental, sem se limitar a refutar essa vitória” (idem, p. 423).

Outro elemento desses esboços emancipatórios pode ser identificado a partir de uma conjugação do aforismo intitulado *Contra o radicalismo de esquerda*, com o último aforismo de *Notizen*, *Para o não-conformismo*: a indicação é a de que “um elemento teórico do não-conformismo poderia ser, hoje, a análise crítica dos demagogos, assim como o associar-se de pessoas que o desenvolvam nos planos psicológico, sociológico e tecnológico poderia representar um seu momento prático” (idem, p. 425). Ora, não seria esse um claro projeto horkheimeriano de sua última Teoria Crítica, parcialmente já em execução por ele, com novas pesquisas empíricas após seu retorno do exílio, e, como se sabe, por Adorno e seus colaboradores nos EUA, sobre a personalidade autoritária? Que seja apenas um esboço de projeto talvez já baste para negar a inércia e o vácuo acusados. E que se trate de um projeto renovado, que se apresenta de alguma forma conservador, parece inegável, pois junto à defesa de que não faria sentido atacar o capitalismo sem a preocupação quanto ao perigo de totalitarismos, sem a compreensão da tendência ao fascismo no interior dos Estados capitalistas, mas também dos riscos da queda da esquerda radical em totalitarismos terroristas, tudo isso não deveria prescindir – e, ao contrário, agregaria coerência – em relação à ideia de que “uma resistência séria contra a injustiça social compreende necessariamente a defesa daquelas formas de liberdade de ordem burguesa que não deveriam desaparecer, mas, ao contrário, serem estendidas a todos os indivíduos” (idem, p. 414). A forma burguesa de liberdade, ao passo em que é estendida a todos, não seria mais forma burguesa de liberdade. O anti-radicalismo político de Horkheimer permite reivindicar, então, as liberdades e os direitos de alguns para toda a sociedade. Isso não representaria qualquer empecilho ou impedimento para movimentos e associações de base se organizarem em vista da preservação de autenticidades culturais. Não haveria conflito entre a ideia de uma comunidade pessimista de resistentes e a sua reivindicação de que um mundo “menos pior” pode ser democratizado. Pelo contrário, essa poderia ser uma de suas tarefas primárias. Apesar da incomensurável capacidade destrutiva do mundo administrado que, por exemplo, ameaça cada vez mais individualidades e singularidades, essa mesma singularidade “pode intervir criticamente no processo, tanto no plano teórico quanto no prático, contribuindo com métodos atuais para a formação de coletivos extemporâneos” (idem, p. 424-425).

Daí que à recomendação horkheimeriana de “pessimismo ao passado, otimismo ao futuro”,

implícita em seus textos tardios sobre a definição de Teoria Crítica, caberia melhor a que indicasse “pessimismo ao passado e ao presente, anti-otimismo ao futuro”. Lutas emancipatórias, de ontem ou de hoje, não se beneficiariam tanto de pessimismos, críticos ou menos críticos, se esses são entendidos como expressão de desesperanças generalizadas. Mas uma práxis calcada na consciência histórica de que a busca pelo bem positivo necessariamente implica em apenas alternar os papéis entre dominados e dominadores teria de ser anti-otimista se o par pessimismo-otimismo é assumido nos termos filosóficos da tradição crítica schopenhaueriana.

Se esses potenciais podem ser identificados nos textos tardios de Horkheimer, em especial nas *Notizen*, Habermas teria pouca razão ao declarar a opacidade emancipatória dos últimos anos do *spiritus rector* da Escola de Frankfurt. Se há questões problemáticas na última fase do pensamento de Horkheimer, em suas últimas elaborações do que entendia por “Teoria Crítica” e por seus papéis, o problema não consistiria no suposto conformismo acusado, ou em um suposto “pessimismo conformista”, ou ainda em um tipo de “schopenhauerianismo resignado”, mas sim justamente na falta de uma maior insistência e clareza por parte de Horkheimer quanto a um pessimismo não-conformista. Uma das amostras dessa falta encontra-se na recomendação analisada acima de que a um pessimismo teórico deveria corresponder uma “práxis otimista”, o que nos leva a questionar o próprio sentido do emprego do termo “pessimismo”, que talvez não possa ser assumido como tão schopenhaueriano quanto parece, ou como exclusivamente no sentido da tradição filosófica schopenhaueriana. No limite, não será desarrazoada a compreensão de que o Horkheimer tardio, por exigências postas por ele mesmo, em especial quanto ao conceito de “negativo”, teria de ter sido mais schopenhaueriano – e não o contrário.

Os esboços de projetos emancipatórios anti-otimistas que identificamos em *Notizen* e nos outros textos supra analisados da mesma época têm como norte – e talvez por isso tenham permanecido apenas esboçados – o que Horkheimer responde a Claus Grossner na entrevista de 1971, editada como *Para o futuro da Teoria Crítica*. O entrevistador pergunta a Horkheimer sobre se (e como) ele se sentiria afetado por uma declaração de Habermas dada alguns dias após a morte de Adorno, em que afirmava ter sido aquele acontecimento a queda do último véu que encobria a “nudez metodológica” de que sofria a Teoria Crítica nos últimos tempos; e, mais ainda, que se, segundo Habermas, a intenção da Teoria Crítica permanece, “sua comunicação com análises sociais concretas, a integração de resultados empíricos científicos específicos em uma análise da sociedade como um todo está se tornando cada vez mais difícil” (HORKHEIMER, 2024b, p. 419, trad. minha). Horkheimer praticamente ignora o primeiro ponto da pergunta, limitando-se a dizer que “precisamos desenvolver suas ideias [de Adorno]”, mas responde o seguinte sobre o segundo ponto: “A relação entre o projeto conceitual e o material preparado por cientistas individuais deve ser determinada novamente em cada caso. [...] A Teoria Crítica não consiste em nada mais do que no princípio de abster-se de apresentar a sociedade correta (*richtige Gesellschaft*), o bem absoluto, em termos de conteúdo, mas sim em criticar a sociedade atual, ou seja, identificar claramente o que pode e precisa ser mudado. O bem absoluto não está contido como algo positivo na própria teoria” (ibidem). Ou seja, o norte para projetos emancipatórios do último Horkheimer consiste na insistência de que, quaisquer que sejam os projetos, que então podem ser os mais diversos, teriam necessariamente de ser negativos e particularizados. Negativos quanto ao objeto em questão, no sentido de não apresentarem positivamente alguma solução para além da crítica, em vista de não correrem o risco de substituir um mal por outro; particula-

rizados no sentido de não se pretenderem projetos “para o todo”¹⁵. Em uma palavra, “eliminar o pior” referente a cada mal, em vez de “buscar o bem”.

Habermas, em seu texto de 1986, tem razão apenas na afirmação de que Horkheimer não elaborou exatamente um projeto emancipatório *novo* em sua última Teoria Crítica. O que temos na última produção horkheimeriana, em especial nas *Notizen*, é mais uma continuação matizada e atualizada de teses da *Dialética do Esclarecimento* e de textos individuais posteriores (como *Eclipse da razão* ou *Para a crítica da razão instrumental*), com desenvolvimentos do mesmo tipo de preocupação, embora não exatamente a preservação de todos os elementos teóricos. Nela há também ênfases novas em alguns desses elementos a partir de diagnósticos parcialmente renovados. É o que confirma um dos últimos fragmentos de *Notizen*, o já citado *Sobre o pessimismo*: “Tudo isso retorna à dialética do esclarecimento, para a qual a verdade se arruína na adaptação incondicionada ao absurdo, à realidade enquanto tal” (HORKHEIMER, 2008, p. 420, trad. minha). Improcedente, porém, é a crítica de Habermas sobre as “desesperanças” horkheimerianas, que a seu ver seriam, sem mais, atestados de resignação. Horkheimer elaborou, como procurei mostrar e ainda que apenas como esboço, uma forma específica de garantia da negatividade para projetos emancipatórios. A filosofia de seus últimos anos é, no mínimo, um projeto de resistência em relação ao mundo da total-administração. Anti-otimista – ou criticamente pessimista – ele o é na medida em que é anti-positivo. Seu conceito de negativo, se não equivale ao da dialética negativa de Adorno, existe e foi formulado com tintas schopenhauerianas, o que Habermas não reconhece. Hoje, quando alguns habermasianos admitem que o grande projeto da razão comunicativa se vê eclipsado (CORTINA, 2024) na sociedade da Inteligência Artificial e das Big Techs, talvez os esboços de emancipação modesta e anti-otimista de Horkheimer façam mais diferença do que um grandioso projeto afirmativo.

¹⁵Türcke analisou de forma lúcida e certa o horizonte emancipatório do Horkheimer tardio: “A filosofia tardia de Horkheimer não desabrocha. Todavia, a inconstância de seus Apontamentos [*Notizen*] revela, de uma forma decididamente existencial, um profundo impulso de Teoria Crítica: quanto mais ela quer expressar o que é verdade, tanto menos ela quer acabar por ter razão ao final. Relativamente a isso, ela é herança dos profetas do Antigo Testamento, que anunciavam a desgraça de maneira tão apodítica, para que, por fim, ela não acontecesse. E, assim como os profetas eram arrastados de um lado para o outro pelo paradoxo de sua tarefa, do mesmo modo também ocorre com a Teoria Crítica. Cada objeto de sua crítica é também uma tentação para ela. Todos lhe murmuram: Desista disso! A vida seria, afinal, infinitamente mais fácil se existisse um sentido superior ou mais profundo, no qual se pudesse confiar e do qual se pudessem extrair diretivas seguras. Também seria mais fácil se existisse uma grande esperança como o proletariado, um *black power* ou *women's power*, com o talento de arrastar consigo toda a humanidade e movê-la para um estado superior. E como seria belo se livrar sem dificuldade do invólucro de aço da era moderna, como a era pós-moderna tem em mente, ou a virada linguística realmente poderia favorecer o entendimento interpessoal dessa maneira e humanizar o capitalismo até torná-lo irreconhecível, como espera a teoria do agir comunicativo. E aquele que nunca foi apoderado pela tentação de evitar a miséria existente por meio de uma ou de outra das formas mencionadas, ou já fez as pazes com ela ou então não é deste mundo” (TÜRCKE, 2019, p. 180).

Referências

- ADORNO, T. W. 2009. *Dialética negativa*. Trad. Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Zahar.
- CACCIOLA, M. L. 2021. Nota à tradução. In: SCHMIDT, A. *Schopenhauer e o materialismo*. Trad. Maria Lúcia Cacciola. São Paulo: Clandestina.
- CACCIOLA, M. L. 2022. Che cosa significa una lettura di sinistra del pensiero di Schopenhauer. In: D. FAZIO (Ed.); M. VITALE (Ed.). *Prospettive. Tredici saggi a duecento anni dal Mondo come volontà e rappresentazione di Arthur Schopenhauer*. Lecce: Pensa MultiMedia.
- CHIARELLO, M. 2001. *Das lágrimas das coisas: estudo sobre o conceito de natureza em Max Horkheimer*. Campinas: Editora da UNICAMP; São Paulo: FAPESP.
- CORBANEZI, E. 2017. Schopenhauer entre Marx e Schopenhauer: do materialismo pessimista ao pessimismo materialista. *Transformação*, Marília, v. 40, n. 4, p. 111-132.
- CORTINA, A. 2024. *Ética o Ideología de la Inteligencia Artificial?: El Eclipse de la Razón Comunicativa em uma Sociedade Tecnologizada*. Barcelona: Paidós.
- DEBONA, V. 2013. *A outra face do pessimismo: entre radicalidade ascética e sabedoria de vida*. 2013. Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- DEBONA, V. 2020. *A outra face do pessimismo: caráter, ação e sabedoria de vida em Schopenhauer*. São Paulo: Loyola.
- DEBONA, V. 2022. Schopenhauer's great and small ethics: on the mysteriousness, (im)mediacy, and (un)sociability of moral action. *Schopenhauer-Jahrbuch*, Würzburg, Bd. 103, p. 57-80.
- DEMIROVIÇ, A. 1999. *Der non-konformistische Intellektuelle: Die Entwicklung der Kritischen Theorie zur Frankfurter Schule*. Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- DURANTE, F. 2018. A esquerda schopenhaueriana no Brasil. *Voluntas: Revista Internacional de Filosofia*, Santa Maria, v. 9, n. 1, p. 137-147. <https://doi.org/10.5902/2179378633548>
- DURANTE, F. 2022. *Entre heresias e atualidades de Arthur Schopenhauer*. Campinas: Editora Phi.
- FAZIO, D. M. 2023a. La doppia faccia del pessimismo, *Cuadernos de Pesimismo*, México, n. 2, p. 109-123.
- FAZIO, D. M. 2023b. Il male fisico e il male metafisico. Max Horkheimer: un eretico della Scuola di Schopenhauer. *Archivio di Storia della Cultura*, Napoli, anno XXXVI, p. 109-132.
- HABERMAS, J. 1986. Bemerkungen zur Entwicklungsgeschichte des Horkheimerschen Werkes. In: SCHMIDT, A. (Ed.); ALTWICKER, N. (Ed.). *Max Horkheimer Heute: Werk und Wirkung*. Frankfurt am Main: Fischer Verlag.
- HABERMAS, J. 2007. *Observações sobre o desenvolvimento da obra de Max Horkheimer*. Trad. Maurício Chiarello. *Revista Educação e Filosofia*, Uberlândia, v. 21, n. 42, p. 273-293, jul/dez 2007.
- HABERMAS, J. 2022. *Teoria da ação comunicativa: para a crítica da razão funcionalista*. v 2.

Trad. Luiz Repa. São Paulo: Editora Unesp.

HORKHEIMER, M. 1968. *Kritische Theorie: eine Dokumentation*. Frankfurt am Main: Fischer.

HORKHEIMER, M. 1980. Teoria tradicional e teoria crítica. In: BENJAMIN, W.; HORKHEIMER, M.; ADORNO, T.; HABERMAS, J. *Textos escolhidos*. Trad. J. L. Grünewald et al. São Paulo: Abril Cultural.

HORKHEIMER, M. 2008. Notizen 1949-1969. In: HORKHEIMER, M. *Gesammelte Schriften*. Bd. 6. 2. Auflage. Hrsg. von Alfred Schmidt u. Gunzelin S. Noerr. Frankfurt am Main: Fischer.

HORKHEIMER, M. 2015a. *Teoria crítica: uma documentação*. Trad. Hilde Cohn. Apresentação Olgaria Matos. São Paulo: Perspectiva; Edusp.

HORKHEIMER, M. 2015b. *Eclipse da razão*. Trad. Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora Unesp.

HORKHEIMER, M. 2018. A atualidade de Schopenhauer. Trad. Lucas Lazarini. *Voluntas: Revista Internacional de Filosofia*, Santa Maria, v. 9, n 2, p. 190-208. <https://doi.org/10.5902/2179378636126>

HORKHEIMER, M. 2022. Kritische Theorie gestern und heute. In: HORKHEIMER, M. *Gesammelte Schriften*. Bd. 8. 2. Auflage. Hrsg. von Gunzelin S. Noerr. Frankfurt am Main: Fischer.

HORKHEIMER, M. 2023. *Taccuini 1950-1969*. Trad. Leonardo Ceppa. Bologna: Marietti.

HORKHEIMER, M. 2024a. Schopenhauer und die Gesellschaft (p. 43-54): die Aktualität Schopenhauers (p. 122-142), Pessimismus heute (p. 224-232). In: HORKHEIMER, M. *Gesammelte Schriften*. Bd. 7. 3. Auflage. Hrsg. von Alfred Schmidt u. Gunzelin S. Noerr. Frankfurt am Main: Fischer.

HORKHEIMER, M. 2024b. Die Sehnsucht nach dem ganz Anderen (p. 385-404), Zur Zukunft der Kritische Theorie (p. 419-434), Das Schlimme erwarten und doch das Gute versuchen (p. 442-479). In: HORKHEIMER, M. *Gesammelte Schriften*. Bd. 7. 3. Auflage. Hrsg. von Alfred Schmidt u. Gunzelin S. Noerr. Frankfurt am Main: Fischer.

HORKHEIMER, M. 2024c. Archiv der Goethe-Universität Frankfurt a.M. (UBA Ffm, Na 1, 762). Acesso em Julho de 2024.

JAY, M. 2008. *A imaginação dialética: história da Escola de Frankfurt e do Instituto de Pesquisas Sociais, 1923-1950*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto.

LUKÁCS, G. 2020. *A destruição da razão*. Trad. B. H. Hess, R. Patriota, R. V. Fortes. São Paulo: Instituto Lukács.

LÜTKEHAUS, L. 1980. *Metaphysischer Pessimismus und „soziale Frage“*. Bonn: Bouvier V. H. Grundmann.

LÜTKEHAUS, L. 1985. Einleitung II: Pessimismus und Praxis. Umriss einer kritischen Philosophie des Elends. In: EBELING, H.; LÜTKEHAUS, L. (Hrsg.). *Schopenhauer und Marx. Philosophie des Elends – Elend der Philosophie*. Frankfurt a.M.: Syndikat.

LÜTKEHAUS, L. 2006. Ist der Pessimismus ein Quietismus?: Überlegungen zu einer Praxisphilosophie des Als-ob. In: HÜHN, L. *Die Ethik Arthur Schopenhauers im Ausgang vom Deut-*

schen Idealismus (Fichte/Schelling). Würzburg.

LÜTKEHAUS, L. 2007. Existe uma sinistra schopenhaueriana? Ouvero: il pessimismo è un quietismo? In: CIRACÌ, F.; FAZIO, D. M.; PEDROCCHI, F. (a cura di). *Arthur Schopenhauer e la sua scuola*. Lecce: Pensa Multimedia.

MATOS, O. 1993. *A Escola de Frankfurt: luzes e sombras do Iluminismo*. São Paulo: Moderna.

MATOS, O. 1989. *Os arcanos do inteiramente outro: a Escola de Frankfurt, a melancolia e a revolução*. São Paulo: Brasiliense.

MATOS, O. 1990. Apresentação. In: HORKHEIMER, M. *Teoria Crítica: uma documentação*. Trad. Hilde Cohn. São Paulo: Perspectiva.

MELO, R. 2011. Teoria Crítica e os sentidos da emancipação. *Caderno CRH*, Salvador, v. 24, n. 62, p. 249-262.

MIGGIANO, P. 2017. Influenze schopenhaueriane nella “Sehnsucht” del giovane Horkheimer. *Voluntas: Revista Internacional de Filosofia*, Santa Maria, v. 8, n. 1, p. 84-115. <https://doi.org/10.5902/2179378633732>

POST, W. 1971. *Kritische Theorie und metaphysischer Pessimismus: Zum Spätwerk Max Horkheimers*. München: Kösel-Verlag.

PLÜMACHER, O. 1884. *Der Pessimismus in Vergangenheit und Gegenwart: Geschichtliches und Kritisches*. Heidelberg: Georg Weiss.

RAMOS, F. C. 2017. “Schopenhauer como otimista”: considerações sobre um apontamento de Horkheimer. In: CORREIA, A; DEBONA, V.; TASSINARI, R. (Orgs.). *Hegel e Schopenhauer*. São Paulo: ANPOF, 2017.

RUGGIERI, D. 2015. Schopenhauer’s legacy and Critical Theory. Reflections on Max Horkheimer’s unpublished archive material. *Schopenhauer-Jahrbuch*, Würzburg, Bd. 96, p. 93-108.

SEMBLER, C. 2013. Teoría Crítica y sufrimiento social en Max Horkheimer. *Constelaciones: Revista de Teoría Crítica*, Madrid, n. 5, p. 260-279.

SCHOPENHAUER, A. 1971. *Gespräche*. Hrsg. von Arthur Hübscher. Stuttgart-Bad Cannstatt: Fromman.

SCHOPENHAUER, A. 2008. *Sämtliche Werke*. Hrsg. von Paul Deussen. 16 Bdn. München: Piper Verlag, 1911-1941. In: SCHOPENHAUER, A. “Schopenhauer im Kontext III” - Werke, Vorlesungen, Nachlass und Briefwechsel auf CD-ROM (Release 1/2008).

SCHOPENHAUER, A. 2005. *O mundo como vontade e como representação*. Tomo I. Trad. Jair Barboza. São Paulo: Editora Unesp.

SCHOPENHAUER, A. 2012. *Sobre a ética*. Trad. Flamarion Caldeira Ramos. São Paulo: Hedra.

SCHOPENHAUER, A. 2015. *O mundo como vontade e como representação*. Tomo II. Trad. Jair Barboza. São Paulo: Editora Unesp.

SCHMIDT, A. 1974. *Zur Idee der Kritischen Theorie: Elemente der Philosophie Max Horkheimers*, München: Carl Hanser.

SCHMIDT, A. 1977. Die geistige Physionomie Max Horkheimers. In: SCHMIDT, A. *Drei Studien über Materialismus*. München: Carl Hanser.

SCHMIDT, A. 2021. *Schopenhauer e o materialismo*. Trad. Maria Lúcia Cacciola. São Paulo: Clandestina.

TAUBERT, A. 1873. *Der Pessimismus und seine Gegner*. Berlin: Carl Duncker's.

TÜRCKE, C. 2019. Horkheimer e as tentações da teoria crítica. Trad. Rosalvo Schütz, *Proble-mata: R. Intern. Fil.*, João Pessoa, v. 10. n. 4, p. 166-182.

VEAUTHIER, F. W. 1988. Zur Transformation der Pessimismus-Motive im Denken Max Horkheimers. *Schopenhauer-Jahrbuch*, Frankfurt am Main, Bd. 73, p. 593-607.

WIGGERSHAUS, R. 2002. *A Escola de Frankfurt: história, desenvolvimento teórico, significação política*. Trad. Lilyane Deroche-Gurgel. Rio de Janeiro: Difel.